

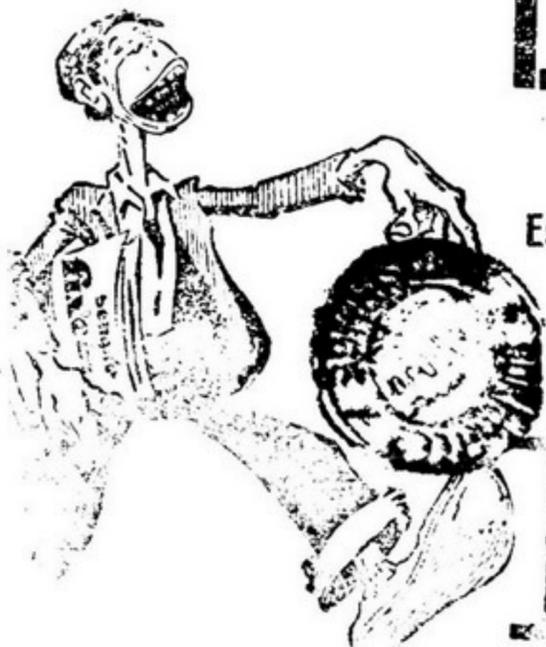
QUARTA-FEIRA
Lisboa-- 13 de Agosto--de 1930

5^o ANO
N.º 221

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

221



sempre O FICRO semanario humoristico

Propriedade
ENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ GONCALVES, 31

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administracao
REDACCAO E OFFICINAS
TEL. T. 102, 103, 104
RUA DA ROSA, 1

A' MARGEM



Comparado com Gago Coutinho, o dr. Eckener não passa de um «Zeppelintra». Serve-se do sextante do glorioso almirante e... «não conhece» e seu autor!! Nós é que ficamos conhecendo quem come a isca e defeca no anzol.



Os ditos da semana



Lina de Oliveira

Militar distinto, foi nomeado director das Cadeias Civis. A sua proxima tragedia desenvolver-se-ha no historico Palacio do Conde de Andeiro

Mayer Garcia Já o ultimo numero do *Sempre Frio* estava lecionado, quando se deu o falecimento do grande jornalista e republicano Mayer Garcia.

Por esse motivo não podemos prestar-lhe aqui a merecida homenagem.

Registando o facto com um parentesis doloroso, nesta pagina que tenta sempre ser alegre, compungidamente o fazemos, certos de que Mayer Garcia foi um dos poucos homens cuja bondade e cujos meritos se reconheceram do mesmo modo tanto em vida como na morte.

As varinas Finalmente não acabam as varinas. Nos mesmos nunca podemos compreender a razão porque se declarava guerra e extermínio a uma classe que põe nas ruas uma nota de alegria sã, no ar um pouco do perfume da sardinha e, nos nossos ouvidos, o grito estridente de certas palavras tão portuguesas da costa como a vivinha da costa que elas apregoam mas que não veem nos dicionarios, em homenagem ás formulas da moral e dos bons costumes

Acabar com as varinas seria um crime de lesa Lisboa, seria o mesmo que deitar abaixo o Arco da Rua Augusta, arrazar o Jardim da Estrela, rasgar outro lago no Parque Eduardo VII, derrubar as arvoredos da Avenida, matar as pombas do Rocio, ou impedir que os paraísos d'almôes estejam sempre de odio aberto para castigar os brutamontes que passam além da Taprobana sem tirar o chapéu ao epico.

As varinas fazem parte de Lisboa. Acabar com elas era mutilar a cidade. E não havia fundamento que o determinasse. Porque vendem o peixe podre?

Mas então era porventura isto que sendo podre o peixe, não se acabasse com o peixe podre e se acabasse com as varinas? Pois se é podre o peixe, acabe-se com ele, mas conservem-se as varinas, não para fazer varinas de conserva, mas para termos sempre varina fresca, vivinha da costa, que a gente muitas vezes come mais com os olhos do que com a boca.

O capataz O dr. Eckner, capataz do Zeppelin

que Lisboa já conhece de vista, dirigiu alguns improperios ao sabio almirante Gago Coutinho, no Brazil, sem se lembrar de que levava a bordo o sextante do nosso heroico navegador de ares e que com esse sextante se orientou para chegar a terras de Santa Cruz.

Sem ele e apenas com o seu dirigivel, o dr. Eckner teria ido para ao ar e, talvez até, pelos ares, sem saber onde estava, nem de que terra era. Se chegou ao Brazil foi pela mão de Gago Coutinho — o inventor — que lhe dizia:

— Por aqui e que é o caminho.

A diferença que ha entre os dois é que Gago Coutinho descobriu os aparelhos e o dr. Eckner alitta com eles ao ar.

Mar artificial Milão ha de ter um porto de mar em construçao para esse esse projecto construiu a maior onseina do mundo, e em mil pensamentos que agitam as aguas e com tudo que seja necessario para dar a illusão perfeita de que de mar se trata.

Milão ha de ver que a obra lhe vai custar mais dum milhão. Mas se assim quere assim o tera.

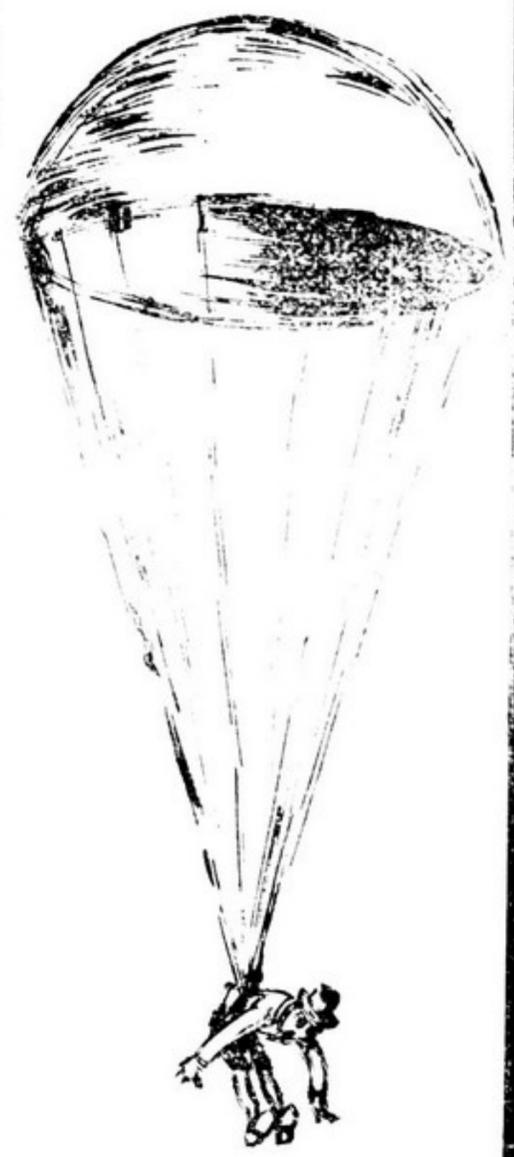
Parece, porém, que os milanezes se esqueceram de certos pormenores indispensaveis para que a piscina pareça um verdadeiro mar. Daqui lhes enviamos alguns alvitres e não levamos nada por eles: No mar não ha so ondas, ha tambem carapau e ha tambem tubarões. E conveniente não esquecer especialmente os ultimos que são dos que tem mais cor local. Convem igualmente que o fundo da piscina seja construido em declive, de modo que se torne facil perder o pé e morrer afogado de contrario toda a gente se tira dum mar onde não ha sinistros e a piscina passara a ser um mar de trazer por casa.

Na noticia que temos presente não se fala de que a piscina venha a ter uma praia de areia, mas deve ser lapso do jornalista que a redigiu, porque, segundo se depreende, areia é coisa que não falta em Milão.

E, havendo uma praia, não faltará por certo o Judas de que fala uma celebre frase feita, para que ás aguas da piscina não falte tambem a obra de Judas desempenhando o papel de submarinos que são aqueles navios em

fôrma de charuto que navegam entre duas aguas.

E já estamos daqui a ver a cara do Creator, quando tiver conhecimento da falsificação. Nessa altura estaremos vingados, porque ele tambem nunca se importou que nos falsificassem os vinhos do Porto e da Madeira.



O paraquedista: — Deus queira que tenha a medida do pipo do meu irrigador.

O TIO DA SENHORA

Episodio tragi-comico

A scena passa-se na sala de Madama Queiroz, uma senhora de muitos bens pacados, gorda e anafada, com um bijudinho negro a encostar-lhe a face botuchada.

SCENA I

JOAQUINA (entrando) Minha senhora...

MADAME QUEIROZ Entre, rapazinha! Esta comente com a casa? Chegou-se para aqui... Quero fazer-lhe certas perguntas... Compreendendo, preciso saber quem tem a casa...

JOAQUINA Eu sou uma rapariga honesta... Nunca tive conversas... Não gosto dos homens...

MADAME QUEIROZ (com admiração) Não gosta dos homens? Que blasfêmia!... De que gosta você então?

JOAQUINA (com o ar mais natural do deste mundo) Gosto das patricas e basta.

MADAME QUEIROZ — Mulher, hier, voce não diz isso, porque a quem tomar a sério...

JOAQUINA — Pais é mesmo a senhora que eu não delas... quando não me tratam mal, esta bem de vida... No ultima eu onde estive talvez uns dois anos, del-me muito bem com a patroa...

MADAME QUEIROZ — E quem era ela?

JOAQUINA — Não sei bem... Lá no bledio chamavam-lhe minha patroa... Isto é nome, minha senhora?

MADAME QUEIROZ (rindo) — O nome... é profissao!... (com curiosidade) Conte la coisas... Como vivia ela? (silenciosa) Sente-se e conte, São três horas, ha muito tempo de fazer o jantar... se o senhor vier hoje...

JOAQUINA (sentando-se) — Que me regalada!... Não calcula!... Nunca havia obrigação de fazer o jantar... Levantava-me ao meio dia... Todas as noites teatro ou cinema!... Rica vida, minha senhora!

MADAME QUEIROZ — Rica vida, não ha duvida!...

JOAQUINA — A patroa tinha um filho?

MADAME QUEIROZ — Ela tinha um filho em Lisboa... E era o primo da senhora?

JOAQUINA — Muito simpatico... Deu-me tudo que eu queria... livros, vestidos, casacos de pele... Riquinhos e mais riquinhos!... A senhora era quasi todas as tardes... Botava muito a sobrinha, abria-a a mim e eu ia ao passeio... Era uma primeira vida a tarde...

Depois... fechava-se com ela na sala e ali est. um horas esperando a conversar... a fazer o jantar ao outro... Eram muito amigáveis, como vê!

MADAME QUEIROZ — Deviam ser... Diga-me car o tal tio era casado?

JOAQUINA — Era. Mas, não sei porque razão, ha nunca la apaixonado.

MADAME QUEIROZ — Percebo, percebo... Pobre mulher... E depois?

JOAQUINA — Logo que o tio se foi embora, chegava o mano da senhora...

MADAME QUEIROZ — Tambem tinha um mano?

JOAQUINA — Tambem. Ao contrario do tio Sequeira, o mano Paulo era um lindo rapaz, alto, louro, de olhos azuis, mesmo muito lindo... Estava desempregado... E era a senhora que o auxiliava, dando-lhe dinheiro que pedia ao tio... O tio, que, segundo dizia a senhora, não sabia da existencia daquele irmão, pagava tudo... Era o que se chama uma boa posses... A senho-

ra tinha uma verdadeira paixão pelo m. no... Assim que ele entrava, saltava-lhe ao pescoço, beijava-o afreagamente e la o levava para a sala para conversar... Não faziam coezgas, não... estavam muito caladinhos na conversa...

MADAME QUEIROZ (indig. ad.) — Mas o sr. Sequeira não sabia disso?... Pagava tudo e não desconfiava de que a sua sobrinha tinha um... irmão?

JOAQUINA — O velhote, o Sequeira, era um pobre diabo... Pagava tudo desde que a sobrinha lhe desse um beijinho... Muitas vezes dizia: «Minha mulher pediu-me um chapéu. Fiz uma grande zaragata em casa e não lho dei; venho eu, tu pedes-me um casaco que custa uma fortuna e eu arranjo o dinheiro seja lá onde for e ofereço-te. Só a minha mulher sabe...»

MADAME QUEIROZ — Já me tem acontecido isso... O meu marido, tambem e de qualidade de za, agastar quando lhe peço qualquer coisa... É um inferno!... Quem se lembra de alguma sobrinha...

JOAQUINA (com ingenuidade) — Quem sabe!... (pausa breves), mas olhe que o Sequeira, apesar de ser velhote e pobre diabo, era maroto...

MADAME QUEIROZ (curiosa) — Sim?... Então foi por causa dele que você deixou a casa?

JOAQUINA — Foi, sim, minha senhora... O maroto do velho tambem, um dia, no corredor, se abraçou a mim e me disse: «Queres umas meias de seda?». Eu, é claro, respondi logo: «Quero, sim, senhor Sequeira!» E o maroto, tornou a abraçar-me, apertou-me muito, deu-me um beijo no queixo (porque eu não deixei dar na boca) e segredou-me ao ouvido: «Dou-te as meias, minha linda, mas tu prometes que serás em a calçada!...» Maroto do velho!

MADAME QUEIROZ — Maroto!... E a pobre mulher a passar necessidades para o adúltero andar a fazer essas figuras em casa das mundanas!... Se fosse comigo, esganava esse marido infel!

SCENA II

OS GOSMOS E O SR. QUEIROZ

Oute-se bater de fora. Madame Queiroz faz sinal a Joaquina e esta levanta-se e vai abrir a porta.

O SENHOR QUEIROZ para sua esposa: Estou farto de chamar por ti! Hoje não janto em casa... Tenho serao na Companhia...

Joaquina p. se branca como a cel da parede ao encara com Queiroz, que, ao vê a criada, se tornou lívido.

MADAME QUEIROZ — Mas que é isto?... Que ha?... Que tens, homem?

JOAQUINA (alegre e pathetica) — Então por aqui, senhor Sequeira?... Quem havia de dizer!... O senhor Sequeira aqui!

MADAME QUEIROZ (depois de ter dado vista dura de berço) — Então era este o maroto do velho que te queria dar meias, que fazia coezgas a «sobrinha» e sustentava o vadio do «irmão»?

JOAQUINA — Era este! Era este mesmo, em carne e osso!

MADAME QUEIROZ (verme-dha com um tomate, cabelos desgrenhados, horrorosamente feia, recia dois passos. Depois, toma balanço e atira-se ao pescoço do marido) — Malandro! Malandro!... Eu jurei que esganava o tal Sequeira!

O pano cai bruscamente. Não se sabe se o velhote escapou das garras aduncas de Madame Queiroz.

PINTA A MANTA.

A ultima aventura do Andrade

O Andrade — Antonio Abel Lopes Andrade — tímido com as mulheres, falava delas com grande desenvoltura sempre que o seu auditorio se compunha, exclusivamente, de homens.

Mestre consumado na arte de seduzir mulheres, julgava-se no dever de aconselhar os menos experientes, incutindo-lhe a sua grande sabedoria. Para isso nada havia, em sua ideia, mais eficaz que a narração das suas aventuras, a ultima das quais, talvez a melhor de todas, nos referiu deste modo:

— O meu amigo Tinalhas e eu, somos hospedes de D. Rita Vilaverde, encarquilhada viuva do caixeiro viajante que, ha 10 anos, segundo ele confessa com orgulho, alcançou o primeiro premio num concurso de valsas do Club Recreativo Lusitano.

A sua casa, a mais socorada da travessa das Almas, foi o mes passado perturbada pela presença de uma rapariga que agradou a viuva por não ter regateado o preço da pensão, e a mim e ao Tinalhas por seus olhos, muito grandes e negros, por sua esbetez e ainda por ter cometido o peccado de deixar ficar no Brasil a razão sentimental e financeira da sua existencia.

Fizemos-lhe a corte, ao mesmo tempo. Eu, psicologo experimental, traçava com as maiores atenções, cumulei-a de gentilezas e não pratiquei a talhe de a irritar com qualquer atrevimento. O Tinalhas, que apesar de ser meu amigo, não deixa de ser uma grandissima besta, dizia a rapariga cada gracejo capaz de fazer corar um carroceiro. E não se ficava pelos gracejos...

A rapariga, enfadada, chegou a dizer-lhe:

— Se o senhor fosse correcto e delicado como o seu amigo Andrade...

E o Tinalhas, sempre grosseirão: — Mas não sou... Ora aí está...

Dias depois, ela dizia-me, com uma voz encantadora a vibrar de indignação:

— Esta manhã, o seu amigo, apa-

nhando-me no corredor, sem dizer palavra, abraçou-me. Olhei-o com tal incontinida indignação, que elle me disse, nervosamente:

— Por tudo lhe peço que não me torne a olhar assim!

Enraivecida, não lhe fiz a vontade. E olhei-o com mais indignação. Não lhe digo nada; atirou-se a mim aos beijos... não parecia um deico...

Como a rapariga me tive manifestado a intenção de abandonar a casa e recorrer ao auxilio d um irmão para aplicar severo correctivo ao Tinalhas, procurei salvar o meu amigo. E disse-lhe que ele andava apaixonado por ela a tal ponto, que essa desorientação se me afigurava desculpa. Para a conhecer, cortei-lhe que o Tinalhas, pela primeira vez na sua vida, se metera a trabalhar na repartição, onde nunca punha os pés.

E para esquecer — explicava, com ares de suicida — ao chefe e as colegas que o fitavam assombradas. No dia seguinte, o Tinalhas enfiou pelo meu quarto, radiante de alegria:

— Segui o teu conselho. Pedi-lhe desculpa. Ela perdoou-me e fême, a certa altura, esta estranha pergunta:

— Ha quantos anos é funcionario?

— Ha 15 — volvi.

Esta resposta teve o effeito d a converter os seus olhos marejados em burilados, por fim, com desfalecida, em meus braços. At-se deixou beijar, sem protestos.

E como eu o fitasse com curiosidade:

— Sabe o que ela me disse esta madrugada?

— O teu amigo sabe o que são mulheres. Se não fosse ele não estaria agora aqui...

E o Andrade acrescentou, triunfante para os seus ouvintes:

— E digam agora que eu não sei lidar com mulheres...

CRISTIANO LIMA.



— Não se apoquente Com o calor que está até é bom dormir ao ar livre. Olhe, e durmo sempre com a janela aberta.

DESPORTOS

Concurso das figuras e factos notaveis do Sport de Portugal

N.º 3

Na rua do Sol ao Rio
Mesmo ao principio da rua.
Havia um lindo teatro,
Que era feito de tabua.

Tinha 500 cadeiras
Para a gente se sentar.
E o monte de madeiras
Teve de se desmanchar.

O dono, que era gentil,
Vendeu a um Club graúdo
Por escudos vinte mil
Cadeiras, a lenha e tudo.

Mas agora um semanario
Diz que a compra foi ruina
Pra quem vendeu, p'lo e intario,
E' que foi a grande mina.

Mas o pobro que não viu
Viu lá um velho vintem
Lum' bom p'os olhos
E' que foi a grande mina.

Pelo que se viu e viu
Viu lá um velho vintem
Lum' bom p'os olhos
E' que foi a grande mina.

Pelo que se viu e viu
Viu lá um velho vintem
Lum' bom p'os olhos
E' que foi a grande mina.

Pelo que se viu e viu
Viu lá um velho vintem
Lum' bom p'os olhos
E' que foi a grande mina.

Z. MARIY

Raras vezes um concurso tem
atingido um tão grande e ruído
sucesso como o nosso.

Até das ilhas adjacentes nos tem
chegado imensos pedidos de au-
mento de tiragem.

Assim, o faroleiro das Berlengas
quere 5 exemplares de cada vez.
Tem uma fe que lhe ha de sair
qualquer coisa.

A aumentar a ja imensa cole-
ção de colossais premios, temos a
justa mais os seguintes:

O atletismo tal qual se corre,
obra muito instrutiva, por Benga-
la Reis, da qual transcrevemos
esta interessante quinta:

Corre lenta, lentamente
Que nunca mais cheira ao fim.
Sera Junior, sera Senior?
Junior não e, certamente,
E um Senior não corre assim.

Pelo que se viu e viu
Viu lá um velho vintem
Lum' bom p'os olhos
E' que foi a grande mina.

Pelo que se viu e viu
Viu lá um velho vintem
Lum' bom p'os olhos
E' que foi a grande mina.

Pelo que se viu e viu
Viu lá um velho vintem
Lum' bom p'os olhos
E' que foi a grande mina.

Pelo que se viu e viu
Viu lá um velho vintem
Lum' bom p'os olhos
E' que foi a grande mina.

As grandes reportagens

Ballon e bolas no relogio...
da torre da igreja de Santa Engacia
quando eu, farto de viver neste
mundo, resolvi suicidar-me num
poço cheio de agua.

Não calcula o leitor ambo o
gostar que se sente quando mor-
mos pela primeira vez.

Depois do meu horrivel e' de
desespero, minha familia mandou
buscar um homem que a todos
era a prestar os seus serviços e
que se chama «Cangalheiro».

Depois a minha familia pôs a no-
ppia do meu talvimento nos jor-
naes.

Os meus amigos, aqueles que eu
sempre julguei que o fôsem, tele-
grafaram para minha casa ale-
gando varias desculpas.

Dizia um:
Lamento imenso perda meu
amigo mas não posso assistir
a funeral.

Dizia outro:
Sentidos pesames impossivel as-
sistir funeral.

E assim successivamente.
Tenas de amigos de... Peniche que
eu tinha nem um só foi ao meu
funeral. Até nem mesmo a mi-
nha querida namorada, a dona
Aubro-la, appareceu em minha ca-
sa sabendo eu que ella foi a pa-
ssar o tempo com um «pape-seco»
no Parque Mayer.

Do outro dia cheira e mamifico
«pape-seco» que me havia de
trazer a minha... ultima...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

M. BENAVENTE.

Quereis dinheiro ?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes



Maior resistencia

contra todas as doenças das vias urinarias será ob-
tida pelo uso dos comprimidos de Helmitol.

Não só estes comprimidos fazem desaparecer as
dôres d'essas doenças, mas desinfectam profunda-
mente as vias urinarias. Em pouco tempo, a saúde volta.
Tome

os comprimidos de Helmitol,

se quer libertar-se rapidamente dos seus padecimen-
tos urinarios e da bexiga,



O Pape-seco...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

Em vez de pensar a brasa,
No fundo de amonios valas,
Em Londres, perto do Tamisa,
Anas o Principe de Gales,
E anda em namigas de camisa.

Eu, embora não pertença
a tão alta sociedade,
Seja embora a calma intença,
Nunca me puz a vontade
de ter pedido licença.

Inda me lembro de um dia,
No pino dum quente verão,
Em que o ar como que ardia
Na cidade de Sofia,
Onde eu vivava então.

Visitando a encantadora
Madame de Skomelade
Nessa tarde abrasadora,
Pedi aquella senhora
Para me pôr a vontade.

E, como a dama anfia,
— Perguntando no ar opaco,
O calor quasi se via —
Eu, tirando o meu casaco,
Diz-me a vontade em Sofia.

J. M. FERNANDES

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

Opinião insuspeita

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...
«pape-seco»... «pape-seco»...

ESTORIL-TERMINIS

ESTABELECIAMENTO TERMAL E BALNEARIO DO ESTORIL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal — Banhos de agua
de m. e. quentes — Banhos de vapor —
Duches — Irrigações — Pulverisações, etc.
Fisioterapia: Luz, calor, electricidade me-
dica, Raios ultra-violetas, diatermia, ma-
çagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS
CONSULTA MEDICA: 9 A'S 12
TELEFONE E. 72

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRI
Rua do Mundo, 115

ECOS DA SEMANA

ESTA PROVADO QUE AFINAL O "BERRIO" NÃO É UM REBOCADOR MAS SIM UM SUBMARINO DE ALTO-MAR COM ELE

A ESTAS HORAS JA' AS BANANEIRAS DÃO SOMBRA A' NOSSA (SALVO SEJA) MIA'S "PORTUGAL"



...com o ...
...com o ...
...com o ...

VENDU-SE UM ARTIGO QUEM GADO A DEITARA ESCADA PARA A REIJAR



...com o ...
...com o ...

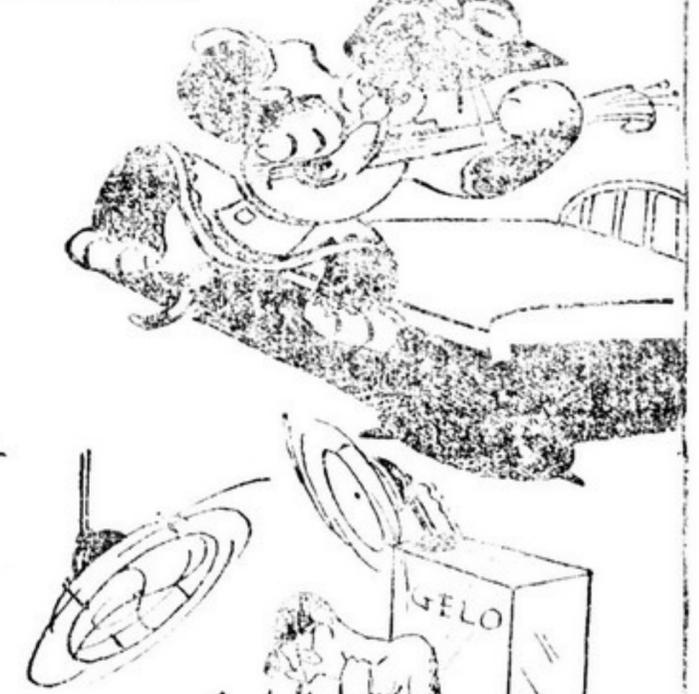
LINDO NÚM DE INICIADORES CIVIS CONSEEM AS AULAS PRATICAS ACONSELHA-SE AOS TRANSEUNTES "USE DO PARA QUEDAS "FIXE"



PARA O filme sonoro "A VERA" PEDEM-SE GATAS BEM BRAVAS E FOTOGENICAS - O ARGUMENTO NÃO É DO DANTAS, NEM DO BASTOS, NEM DO LEITÃO, MAS MUITO MEU. CARTA A BOTELHO COM CONDIÇÕES



ESTÁ DECIDIDO! MILITARES CIVIS ESTUDANTES E GATOS NINGUEM QUER FICAR SEM AS SUAS RICAS OVARININHAS !!!



SÓ ASSIM CONSEGUI FAZER OS ECOS E QUE POR ISTO SAIRAM... "FRESCOS" BOTELHO XXX